

I Mostra didática Escola de Educação Básica

Professora Zélia Scharf

“A arte como corpo”

*Aida Rotava Paim**
*Idianês Fátima Busatta***
*Luciano Guralski****

A Mostra didática surgiu através do trabalho coletivo da coordenação pedagógica com os professores de arte da Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf. Denise Argenta, Técnica em Educação Patrimonial do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM avaliou os trabalhos considerando-os com expressiva qualidade estética, aceitando a proposta da escola de realizar a mostra didática.

A organização da mesma partiu de um recorte da produção em artes visuais realizada na escola durante o ano de 2010, com as turmas do ensinomédio, orientados pelos professores: Gina Zaninni, Idianês Busatta e Luciano Guralski, abordando o corpo em diferentes manifestações artísticas. O corpo passa a ser o suporte e a própria obra ou uma reflexão sobre a identidade que este assume nas mais diferentes atividades humanas.

A mostra didática teve o intuito de valorizar o desempenho de nossos educandos, a dedicação que apresentaram durante o ano letivo, respeitando a individualidade, identidade e estilo de cada um para expressar suas ideias.



Figura 01 e 02: Vista paronômica da exposição
Fonte: Acervo E.E.B. Profe. Zélia Scharf

A arte constitui-se em um componente curricular obrigatório na educação básica e é normatizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina. Esta orientação norteia nossa prática enfatizando o ensino da arte através do fazer, do fruir e do refletir.

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina fundamenta-se na concepção teórica metodológica histórico-crítica, a qual orienta que se deve partir do conhecimento dos alunos para aprofundar ou romper com alguns conceitos preestabelecidos ou que fazem parte do senso comum. A arte é uma forma de conhecimento e exige um conhecimento mínimo para compreender a produção artística historicamente produzida.

A manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. (BRASIL, 1997, p.26).

No decorrer do ano letivo trabalhamos com a produção do conhecimento artístico de autores que abordam a temática o corpo na arte, os educandos entraram em contato com as linguagens de instalação, fotografia performance, vídeo arte, pintura mural, desenho e escultura. Após compreender as poéticas dos artistas, os

alunos foram desafiados a realizarem diferentes práxis, nas quais se evidenciam a relação da orientação metodológica com as práticas didáticas na escola.

Conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (BRASIL, 1997, p. 19).

A temática de autorretrato foi realizada com as segundas séries do ensino médio que estudaram as obras de artistas que empregam objetos em suas representações. Neste estudo observaram diferentes pinturas de épocas distintas, em especial o Barroco, pois, é nele que as representações de objetos ganham autonomia e deixam de ser apenas um elemento que compõe uma cena e passam a ser um gênero autônomo na pintura. Fizemos um salto na história da arte e passamos a ver o emprego das primeiras colagens no cubismo até que o objeto ganha uma dimensão muito maior como nas colagens de Nuno Ramos. Primeiro, vimos à pintura e suas colagens ou assemblagens. Depois, fomos no Dadaísmo compreender como o objeto surge como obra de arte. Os ready mades de Marcel Duchamp, o que causou certo estranhamento para aqueles que não conheciam a obra desse artista que rompe com o conceito de belo como simétrico e perfeito para um belo expressivo. Isto muda os paradigmas da arte, deixou-se de questionar o que é belo para pensar o que é arte. Neste processo, o artista se apropria de um objeto comum e industrializado, retira sua funcionalidade, desloca ao museu ou a galeria elevando o status do mesmo a categoria de objeto de arte.

A construção do autorretrato partiu da seguinte problematização: O que é o objeto? Como ele faz parte do meu cotidiano? E, especialmente, como poderia ser retratado por objetos? Desafiados a criarem um autorretrato a partir de objetos utilizando-se da fotografia como linguagem, os alunos tinham que fazer três

composições independentes, se os objetos fossem os mesmos, ou apenas explorando a composição.



Figura 03: Autorretrato
Autor: Lucas Basei, 2010.

Desde o ensino fundamental, discutimos sobre composição, como os objetos ou formas são distribuídos no espaço e como isso altera a representação e a leitura da imagem. A ideia de um autorretrato desse modo causou certo estranhamento em alguns, pois tinham que refletir sobre sua identidade. Foi dado um prazo para realizarem essa atividade e esta deveria ser socializada em sala para os colegas. Nesse período de quinze dias muitos iam conversar com o educador para tirar dúvidas, apresentar esboços e os conceitos ali existentes para depois imprimir as imagens.

Além do conhecimento da história da arte, da linguagem fotográfica enquanto obra e não um mero registro envolveu outros aspectos como pensar sobre si e como interage com as coisas ao seu

redor. Outro momento importante foi à socialização em sala, em que podemos conhecer aspectos de um e de outro que até então eram desconhecidos pelos colegas e professor.



Figura 04: Lei da Vida (Autorretrato)
Autora: Tainá Padilha, 2010.

Em meu autorretrato resolvi inovar, me retratar de maneira diferente, fazendo com que o público não receba a ideia pronta [...]. Fotografei em um cemitério, alguns objetos do meu cotidiano. Os chinelos representam o caminho a percorrer, as sapatilhas que estão no colo e em uma das mãos de Jesus (onde tem toda uma questão religiosa) significam o objetivo (aquilo que eu quero alcançar), pois sou bailarina, então, as sapatilhas estariam representando a dança em

minha vida e o cemitério, a morte, pois, nós nascemos percorremos aquilo que temos que percorrer alcançar, ou não, nossos objetivos e chega a hora do descanso eterno (a morte), querendo ou não é isso que acontece e aconteceu com todos, é a **LEI DA VIDA**. Adorei expor o meu trabalho, só assim tive como mostrar que sou capaz de me expressar de várias formas, sendo assim, tendo o direito de passar e dividir com as outras pessoas aquilo que o mundo muitas vezes nos proíbe (Tainá Padilha).

Outra linguagem trabalhada foi a vídeo arte, que procurou representar alguma característica da pop art. Este movimento marca a mudança na arte, pois retoma a figuração e o emprego de tudo aquilo que era consumido nos anos 60 não muito diferente da atualidade, como imagens de celebridades, da história da arte, de objetos do cotidiano, de histórias em quadrinhos, entre outros. Movimento ambíguo que surge como um questionamento sobre o consumismo, porém, de certo modo, reafirma onde o produto acaba sendo associado ao artista.

A atividade partiu da apresentação de uma lista de artistas ingleses, norte americanos e brasileiros que fazem parte da pop art. Tecidas algumas considerações sobre o tema, materiais e linguagens empregadas, foram criados grupos por afinidade e escolhido um desses artistas para serem apresentados em forma de seminário para a turma juntamente com uma representação plástica que tivesse alguma relação com o trabalho do artista.

Foi desenvolvida uma parte da pesquisa no laboratório de informática da escola e outra parte extraclasse para qualificar o conhecimento devido ao número pequeno de aulas que dispúnhamos, pois, na segunda série, é apenas uma aula por semana.

Após as apresentações nas quais, às vezes, eram intermediadas pelos educadores, foi discutido a relação do consumismo a partir da poética dos artistas e como hoje ainda muitos valorizam a marca dos produtos, especialmente das roupas. A questão posta era se as marcas nos definem ou se somos levados pela publicidade ou ídolos influenciam nosso comportamento e estilo. Como tínhamos poucas aulas e queríamos continuar com essa temática foi proposto a realização de um vídeo arte.



Figura 05: Detalhe do vídeo - arte com o título “Consumismo”
Autores: Melina P. Girardi, Luiz Felipe Fortes dos Santos
Gehlen e Lidiane Bernardi, 2010.

Primeiro discutimos o que era essa linguagem, depois, foram vistos alguns trabalhos o que causou certo estranhamento, pois, nem sempre possuem uma narrativa linear, muitas vezes, assim como na arte pós-moderna, influenciada pela pop art utiliza a repetição além de outras ferramentas. A Music Television – MTV, de certo modo, é influenciada pela pesquisa dos primeiros artistas a utilizarem essa linguagem em que estes usavam imãs nos anos 70 para distorcer a imagem. Apropriarem-se de imagens exibidas nos canais abertos para discutir sobre a importância e influência da mídia e fragmentar, decompor esse discurso.

Essa atividade obedeceu às regras como: o tempo do vídeo não poderia exceder a 4 minutos e que deveria ter alusão a pop art. Como os trabalhos realizados com o autorretrato, aqui também surgiram uma série de dúvidas quanto ao que fazer, que abordagens, entre outras. Procuramos não interferir só questionando os grupos e pedindo as relações com o movimento. Muitos queriam uma fórmula de como desenvolver o trabalho e, nesses casos, só ia mediando quanto ao que haviam pensado e levando a criarem um conceito, pois, tendo a ideia do que queriam discutir ficava mais fácil materializar esses. Quanto ao equipamento foram usados celulares, máquinas

digitais que possuem a ferramenta de gravar ou, em alguns casos, optaram por utilizar fotografias suas ou apropriadas da internet para usarem o stopmotion para criarem sua representação.

Os resultados foram os mais diversos, mas todos cumpriram com os critérios estabelecidos.

O que faz, portanto, um verdadeiro criador, em vez de simplesmente submeter-se às determinações do aparato técnico, é subverter continuamente a função da máquina ou do programa que ele utiliza, é manejá-los no sentido contrário ao de sua produtividade. Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa sistemática de submeter-se à lógica dos instrumentos de trabalho ou de cumprir o projeto industrial das máquinas semióticas, reinventando, em contrapartida, as suas funções e finalidades (MACHADO, 2007, p.14).

Como o número de vídeos era muito grande e tínhamos ficado com cópias desses, optamos em apresentar alguns, para isso, criamos critérios para facilitar a seleção, para os vídeos inspirados na pop art escolhi os trabalhos autorais em que eles produziram as imagens. Em um desses vídeos eles saíram pelo centro de Chapecó com uma câmera digital acoplada na bicicleta e um dos alunos de skate. Criando uma imagem rápida, que lembra as cenas dos filmes em que o cinegrafista cria um clima de tensão, devido ao movimento do equipamento, entre outros aspectos técnicos.



Figura 06: Capa do vídeo - arte com o título "Ride a Bike"
Autores: Lucas Arsego, João Marcos Campagnolo, Cícero Cardoso,
Guilherme Zenata, Iuri Silva de Souza, 2010.

Em princípio, nós não imaginávamos que este trabalho fosse ser exposto, ficamos muito surpresos com isso, pois, enquanto fazíamos este trabalho, estávamos nos divertindo sem maiores pretensões. O trabalho foi uma forma de mostrar como as coisas acontecem quando os nossos olhos não podem acompanhá-las. Gostamos de tê-lo apresentado, pois, ao mesmo tempo em que levamos esse trabalho para diversas pessoas conhecê-lo, também tivemos a oportunidade de conhecer outros trabalhos. A exposição foi uma forma de reconhecimento do nosso trabalho e também o incentivo para continuarmos a fazer novos projetos (Cícero Cardoso).

Desde a pré-história o homem procura registrar sua presença no mundo, sempre teve fascínio pela própria imagem e a de seus semelhantes, procurou registrá-la através das mais variadas formas de arte. Ao trabalhar com seu corpo, e até mesmo o corpo de outras pessoas, expressa sua relação com o mundo, seus sentimentos e vivências.

Pensando nesse contexto, foram desenvolvidas atividades de desenho de observação de partes do seu corpo, como a mão e desenhos de observação de modelo vivo, no caso um colega de classe nas primeiras séries do ensino médio, para que se percebam e percebam o outro como seres únicos, mas que devem ser respeitados independente das características que formam sua identidade.

O estudo da arte de retratar deve merecer atenção dos estudiosos pelo caráter artístico e iconográfico e por contribuir para a compreensão de determinado momento de uma sociedade, seus hábitos, suas roupas, sua maneira de viver e, sobretudo, a psicologia do ser dentro da sociedade (SANT'ANA, 2009, p. 09)

O desenho tomou proporções maiores servindo como recurso em diferentes atividades. Quando foi apresentada no início do ano uma série de artistas contemporâneos brasileiros, uma artista que chamou a atenção foi Sandra Cinto, que em seus trabalhos utiliza-se de diversas linguagens criando obras híbridas (linguagens artísticas que possuem uma ou mais linguagens originando novas linguagens, como a instalação, performance, entre outras), nas quais emprega a

fotografia, o desenho, objetos. Seus trabalhos representam o onírico, a delicadeza mesmo que melancólica. Revimos sua obra especialmente a que ela emprega partes do corpo como suporte, o braço e a panturrilha desenhando sobre sua pele e estendendo este sobre outra superfície. Esses trabalhos são expostos como fotografia. Seu trabalho recebe a influência das obras do artista brasileiro, Leonilson, e do surrealismo e emprega apenas o desenho linear repetindo alguns elementos como candelabros, escadas, árvores, entre outros. Aos educandos foi solicitada uma representação em que o corpo fosse o suporte, porém, eram livres para representar qualquer tema e do modo que quisessem. Após a produção e socialização destes para a turma de modo virtual ou impresso foi solicitado estabelecer relações entre o seu trabalho e o da artista, buscando observar semelhanças e diferenças entre ambos.



Figura 07: O corpo como suporte para a arte
Autores: Pamela Brusamarello e Maico Douglas Oliveira Coelho, 2010.

O desenho sobre o corpo e expandido sobre outro suporte foi registrado com recurso da fotografia, aproveitando que o celular está sempre presente em sala e, normalmente, é um problema para muitos educadores, neste momento tornou-se um recurso didático.



Figura 08: O corpo como suporte para a arte
Autora: Jéssica Kethin Cousseau, 2010.

Partindo de seus trabalhos e da obra da artista, debatemos sobre a fotografia ser registro ou obra. O que diferencia um de outro? Porque uma é considerada arte e a outra não? Compreenderam que como já haviam estudado no início do ano sobre Marcel Duchamp, depende da intencionalidade e de buscar resolver aspectos formais para ser arte. A fotografia, enquanto linguagem acaba sendo aceita na pós-modernidade. No modernismo somente as linguagens ditas tradicionais eram aceitas como arte (pintura, desenho e escultura). Porém, após os anos de 1960 surgem novas linguagens além dessas, que passam a ter o mesmo valor.

Nas primeiras séries do período matutino e vespertino também foram estudados mais dois artistas que trabalham a body painting: Craig Tracy e Ema Hack, para que os alunos tivessem mais material para usar como inspiração para suas produções.

Outro trabalho desenvolvido com as segundas séries do ensino médio foi o trabalho inspirado no artista Erwin Wurn, como pratica inicial foi apresentado um vídeo clip da banda Red Hot Chili

Peppers, Can't Stop, no qual se inspiraram na obra do artista para realizar seu vídeo clip a partir das obras intituladas pelo artista "Esculturas de um minuto". Discutimos sobre a diferença de uma escultura tradicional e da desconstrução desses conceitos pelo artista, que propõe aos amigos ou pessoas que passam na rua interagir com objetos como se fossem próteses de seus corpos, esses trabalhos têm uma ironia, são cômicos e nos fazem pensar, como no primeiro trabalho que realizamos com objetos, nossa relação com estes. Qual sua finalidade, o quanto somos dependentes de alguns destes, em especial dos tecnológicos? Em outra aula, foram realizar a prática inspirados na obra do artista e a socialização desses trabalhos foi por meio virtual, apenas acoplaram cabos das câmeras ou dos celulares no computador e apresentado à turma. Por isso, foi mais difícil conseguir esse material para exposição, pois, muitos haviam deletado ou como as obras do artista não queriam se expor, pois algumas dessas imagens apareciam brincando ou de modo fora do comum. Como o trabalho do corpo foi solicitado um texto estabelecendo relações entre o artista e suas representações e porque estas eram pós-modernas. Esse trabalho foi em grupo, o que proporcionou aulas mais dinâmicas e engraçadas devido às situações que criaram para realizar a produção plástica. Uma atividade descontraída que possibilitou maior compreensão de alguns conceitos e da produção artística atual.

O trabalho também possibilitou discutirmos sobre a intertextualidade encontrada no vídeo clip da banda, mas também na publicidade, na novela, cinema e especialmente na pintura.

Diferente do modernismo que negava a tradição, a pós-modernidade apropria-se desta para resignificá-la. O primeiro artista a fazer isso de modo explícito foi Marcel Duchamp, com a imagem da Mona Lisa. Porém, na história da arte essa citação já era muito comum. Na atualidade, é uma práxis constante. No caso de uma artista muito citada em sala, Adriana Varejão, tem forte influência da história da arte em especial do barroco, por apropriar-se de imagens desse período e resignificá-las. Ou mesmo pelo emprego de pinturas que sugerem a azulejaria portuguesa muito presente no barroco

português. Outra referência em sua obra é o contraste, o dramático e teatral presente através das pinturas que imitam a carne.

Com algumas primeiras e terceiras séries do ensino médio foi realizada uma atividade interdisciplinar com a disciplina de matemática, ministrada pelo professor Jorge Cadore, na qual os alunos tinham que utilizar as formas por ele trabalhadas e transformá-las em representações plásticas, os critérios estabelecidos por arte era que os desenhos tinham que ser realizados em papel no tamanho A3 e apresentando ausência de contorno e como o professor Cadore solicitou para que fossem com o lápis 6B e que possuíssem volume. Estabelecemos três composições por aluno e que fizessem em sala, pois a produção em sala era um dos quesitos que implicaria na nota.

Embora a temática da mostra fosse o corpo e este não é retratado, o artista Daniel Senise, que apresenta em suas pinturas espaços vazios, mas impregnados pelo corpo e memória, consegui criar um elo com a exposição. No caso, os desenhos dos alunos apresentaram ruínas, ou ambientes criados pelo homem, mas esse não aparece na representação. Assim surgiu a inspiração de expor os trabalhos dos alunos juntamente com os outros.

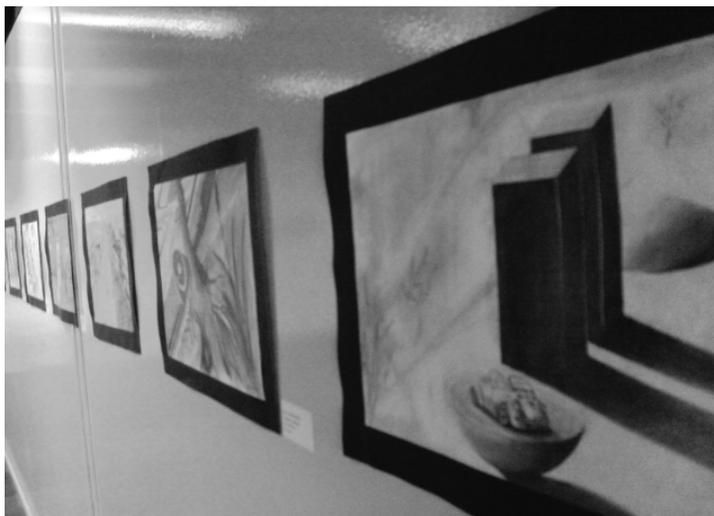


Figura 09: Detalhe da exposição “A arte como corpo 2011”
Fonte: Acervo E.E.B. Prof. Zélia Scharf.

Abordamos o corpo e a identidade que o mesmo assume nas mais diferentes atividades humanas. Esse corpo que, em alguns momentos, foi considerado como obra da natureza, sabe-se hoje que a formação da identidade de cada indivíduo passa pelas suas escolhas, da história pessoal devido às experiências vividas e pela influência do meio.

A educação através da arte é na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição do ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 17)

A educação pela arte procura contemplar o ser humano completo, assim, buscamos enfatizar na mostra o respeito pelas manifestações diferenciadas e em diferentes espaços. As linguagens artísticas escolhidas para representar o tema foram às linguagens contemporâneas (pós-modernas). Cada aluno pôde optar pela linguagem artística que mais se identificou para elaborar seu trabalho, formando grupos de três a cinco componentes. A partir disso, os grupos elaboraram um projeto contendo os seguintes passos: tema, conceito e descrição, orientados pela professora, em que cada grupo apresentou suas ideias e depois o projeto escrito, só após isso é que foi executado o trabalho prático, juntamente com a professora foi discutida a importância do tema abordado, o aprimoramento das ideias e, aí sim, a escolha do espaço para realização dos mesmos. Como eram linguagens diferentes cada grupo precisou organizar o desenvolvimento prático de diferentes maneiras, muitos trabalharam em horário extraclasse.



Figura 10: Pintura mural com grafite com o título “Di”
Autor: Rafael Alves Cardoso, 2010.

As atividades artísticas, como a pintura mural (grafite) e a instalação, já haviam sido iniciadas no período de aula e os artistas continuaram realizando as mesmas durante um sábado à tarde, promovendo a integração entre escola e comunidade, para que os espectadores pudessem ter um contato mais próximo com o fazer artístico já que a arte hoje não é mais elitizada, está em meio ao espaço público, todos podem ter acesso a ela.

A performance discutiu os medos que temos os fantasmas que cada um traz dentro de si e foi desenvolvida em meio ao público, gerando certo estranhamento e curiosidade por parte dos espectadores.



Figura 11: Performance com o título “O que você não vê”. Da esquerda para a direita: Jéssica Line Farias de Lima, Jéssica Ester Guimarães, Luzia Gambatto
Fonte: Acervo E.E.B. Prof. Zélia Scharf, 2010.

O que você não vê.

O conceito de performance consiste em chocar o público, intervindo no ambiente, tirar as pessoas do seu mundo acomodado e fazê-las perceber nossa presença. No mundo de hoje, as pessoas vivem fechadas em suas próprias vidas e seus próprios problemas e, muitas vezes, não olham para o lado. Elas precisam de algo estranho ao seu cotidiano para perceber a existência do outro. A performance tinha como objetivo chamar a atenção do público para os medos que estão guardados em seu interior, escondidos da melhor forma possível, embaixo do travesseiro ou no fundo da gaveta e, as vezes, saem do controle e tomam conta de você, interferem na sua vida. Você tem que saber como controlá-los, ou eles podem acabar com você. O que acontece se você deixar seus medos tomarem conta de sua vida? Tudo tem um limite, você tem que controlá-los, ou eles te controlam (Luzia Gambatto).

A instalação artística discute os preconceitos



Figura 12: Detalhe da Instalação
Autores: Diana Chiodelli, Luzia Gambatto e Rafael Alves Cardoso, 2010.

O preconceito, por qualquer que seja o seu argumento ou intenção, é perda de tempo, afinal, não interessa como somos, e, sim, quem somos. Esse foi o princípio de tudo, abordar algo que a sociedade rejeita, mas que, ao mesmo tempo, está sempre buscando a diversidade. O preconceito é a forma mais vil de ignorância possível a um ser humano. Vivemos em um mundo em que corremos contra o tempo, desperdiçamos oportunidades, e afundamos em um buraco negro, irreduzível, e a única coisa que nos mantém de pé são as correntes da esperança, daqueles que não param de lutar e ainda acreditam que algo possa mudar, mas que estão sendo esmagados por animais que insistem

em julgar o que a de defeito em pessoas que certamente são muito melhores do que eles próprios.

Nós nos afastamos do mundo, somos preconceituosos com nós mesmos, somos intolerantes com nossas próprias atitudes. Vemo-nos encurralados, presos em uma grande gaiola de um zoológico, com uma placa sobre nossas cabeças que diz: NÃO TOQUE NOS ANIMAIS, ESPÉCIE EM EXTINÇÃO. Se somos todos iguais, porque ainda encaram o preconceito como algo simples, como se estivesse aí, mas não afetasse ninguém? Isso devia ser inaceitável, mas tomou proporções ridículas, em um país que supostamente deveria ser aberto a todos.

Transformamos o lugar em que vivemos em uma grande piada, estamos neste mundo e o matamos pouco a pouco, com a intolerância sem fundamento e o preconceito sem base ou argumento algum. Não respeitamos uns aos outros, e, assim, vamos contra tudo o que afirmamos e cantamos em nosso próprio hino nacional (Diana Chiodelli, Luzia Gambatto e Rafael Alves).

Para que a mostra didática se realizasse ocorreram muitos diálogos e questionamentos entre professores, alunos (artistas) e funcionários das instituições promotoras. Discutimos como expor os trabalhos, proporcionando a estes pensarem como agrupar e apresentar os trabalhos, seria por grupos afins, que afinidades ou que conversas esses trabalhos teriam que ter? Seria pela cor, pela saturação, por objetos que se repetiam...

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1997, p. 19).

Essa autonomia serviu de exercício para se colocar no lugar do artista, pois é importante pensar o espaço e a disposição do trabalho. Dependendo como ou onde se encontra pode valorizar a representação ou o oposto. Muito comum nos anos 1980 e ainda hoje alguns curadores são uma espécie de ditadores, que trabalham independentemente da vontade do artista e a exposição é sua

assinatura. Porém, nos anos 1990 alguns curadores trabalham com os artistas discutindo a organização dos trabalhos no espaço.

Separamos por propostas e espaços, porém, as pessoas envolvidas no processo de montagem tiveram a liberdade de experimentar diversas formas de agrupar estas propostas. Às vezes, parávamos para olhar ou alguém chamava para ver como estava ficando, algumas permaneciam, outras foram repensadas num processo coletivo de disposição dos trabalhos no espaço.

Colocamos no centro do hall de entrada o banner que contém a explicação da mostra e a logomarca da escola, ao seu lado, o banner contendo as fotos da instalação e os quadros fixos, que fazem parte da mesma e foram desmontamos e os deslocamos para o CEOM. Também colocamos fotos do processo de construção desse espaço, influência da arte conceitual que valoriza o processo, em que as alunas passaram várias aulas e horários extraclasse para produzirem a instalação.

Do outro lado, colocamos registros de uma pintura mural e de uma performance que haviam sido realizadas na escola. No caso da performance, teve um desdobramento, pois havia o registro desta e na inauguração da mostra as alunas fizeram uma nova performance.

Os demais trabalhos foram ocupando os espaços conforme as propostas, as linguagens respeitando a autonomia do grupo.

Como a aluna Diana Chioldelli falou na solenidade de abertura foi uma grande honra para poder levar os alunos adiante em sua produção, pois representam o empenho, estudo, dedicação de professores e alunos auxiliados pela escola para que o ensino da arte seja de grande importância em nossas vidas.

Acredito que esse é um dos projetos mais importantes já realizados pela escola Zélia Scharf, por ter permitido que todos os alunos participassem, proporcionando uma oportunidade única para que novos talentos fossem descobertos. Esta é a oportunidade para que possamos mostrar o que pensamos fazer com que ouçam o que temos a dizer, a nossa maneira de ver o mundo, e de se expressar, independente de nossos traços ou formas, aqui temos a chance de mostrar nosso trabalho, o nosso valor. Estar aqui significa que

somos capazes de fazer algo, que nós conseguimos, e que possam sentir orgulho de nós. Agradeço em nome de todos os alunos, à escola Zélia Scharf, diretores, professores, ao Ceom e a todos os responsáveis por nos proporcionar essa oportunidade, é muito importante. Senhoras e senhores aproveitem, pois, hoje, vocês verão o mundo por nossos olhos (Diana Chiodelli).

Após a montagem, a mostra permaneceu durante um mês no CEOM, onde, além de monitores de algumas universidades de Chapecó, de estagiários do CEOM, contou com a especial participação de alunos da escola que participaram das produções artísticas. Os monitores tiveram dois encontros para se preparar para receber os visitantes da comunidade deste município ou mesmo da região.

Essa atividade envolveu toda escola desde o ensino fundamental ao ensino médio, pois foram levadas duas turmas por período previamente agendado para visitar a I Mostra Didática. Esses alunos eram acompanhados por professores de diferentes disciplinas o que possibilitou aos demais colegas conhecerem um pouco mais do que é produzido em sala.

Após a visitação, foram solicitados textos para os alunos sobre a mesma, contendo o que compreenderam que materiais foram utilizados, linguagens, entre outros. Nas aulas de artes, especialmente, a exposição serviu de discussão e introdução dessas linguagens desconhecidas por alguns.

O que seria o final de um ciclo acabou gerando conhecimento, despertando o interesse e desencadeando uma série de conceitos a serem trabalhados. Por isso, a data não poderia ter sido melhor, no início do ano para servir de prática social inicial e influenciar em nosso planejamento desse ano de 2011.

A gratificação maior veio por parte dos alunos que participaram da mostra, assim como alguns alunos que terminaram o ensino médio encontravam-se presentes na abertura, e dos que permanecem na escola, a satisfação de estar fazendo parte da história da escola. Somos muito gratos por essa experiência e pela parceria com a entidade que nos abriu as portas para que pudéssemos levar a comunidade o

olhar de nossos alunos.

É muito difícil poder expressar em palavras o quanto a exposição significou para mim, é uma mistura de emoção, responsabilidade, orgulho, respeito, é a até inimaginável. Poder realizar uma exposição, com meus trabalhos, trabalhos de meus colegas, poder mostrar nossa arte, nossa forma de ver o mundo, mostrar nosso senso crítico, mostrar que também somos capazes, já é, por si só, incrível, grandioso. Poder, então, participar da montagem e organização, poder explicar a quem viesse observá-la, poder passar o conhecimento adquirido em sala, e perceber que há interesse, que as pessoas estão ali para te ouvir falar, e que um pouco do que você disse eles levarão para suas casas, para onde forem, a escola Zélia Scharf juntamente com o Ceom, talvez nem façam ideia, mas mudaram por completo a vida de muitos dentro daquela escola, saímos da área observadores, visitantes e passamos a ser artistas, expositores, monitores nenhuma escola antes abriu uma oportunidade assim, agradeço muito a escola, ao Ceom, aos professores, por que sei, que depois disso muitos artistas se formarão, e espero que não pare por aí, pois ainda temos muito a dizer para o mundo, através de nossa arte! (Diana Chiodelli).



Figura 13: Trabalho de técnica mista
Autora: Diana Chiodelli, 2010.

Notas

* Doutora em Educação pela Unicamp. Supervisora Escolar e Coordenadora pedagógica da Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf.

** Graduada em Educação Artística formação em Artes Plásticas. Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pelas Faculdades IBES, Professora de Arte na Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf.

*** Graduado em Educação Artística, formação em Artes Plásticas, Pós-Graduado em Estética e Metodologia do Ensino Superior pela UNOCHAPECÓ. Professor de História da Arte na UNOCHAPECÓ e professor de Arte Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília:MEC/SEF. 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F de Rezende e **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez. 2010.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SANT´ANA, Renata. **Saber e ensinar Arte contemporânea**. São Paulo: Panda Books, 2009.